

## UMA DEFESA DO ARGUMENTO LINGUÍSTICO A FAVOR DE FATOS TEMPORAIS

José Adairtes Silva Lima\*

Edivaldo Simão de Freitas\*\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma defesa para o argumento linguístico a favor de fatos temporais. Para tal, o artigo será dividido em três seções. Na primeira seção, será feita uma exposição do argumento. Na segunda seção, haverá uma exposição crítica da Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. Na Terceira e última seção, será, igualmente, feita uma exposição crítica da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem. No fim, concluir-se-á que ambas as teorias fracassam no tocante as suas teses centrais, e, dessa forma, provar-se-á que o argumento linguístico, além de válido, é igualmente correto.

**Palavras-Chave:** Argumento Linguístico. Fatos Temporais. Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. Nova Teoria Aflexiva da Linguagem. Teses Centrais.

## A DEFENSE OF LINGUISTIC ARGUMENT IN FAVOR OF TENSED FACTS

**Abstract:** The present article aims to present a defense to the linguistic argument in favor of tensed facts. For this, the article will be divided into three sections. In the first section, an exposition of the argument will be made. In the second section, there will be a critical exposition of the Old Tenseless Theory of Language. In the third and last section, a critical exposition of the New Tenseless Theory of Language will also be made. In the end, it will be concluded that both theories fail with respect to their central theses, and thus it will be proved that the linguistic argument, as well as valid, is equally correct.

**Key-Words:** Linguistic Argument. Tensed Facts. Old Tenseless Theory of Language. New Tenseless Theory of Language. Central Theses.

## INTRODUÇÃO

---

\*Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CUC). E-mail: adaister\_342@hotmail.com

\*\* Graduado em Letras (2011) e Filosofia (2015) pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Filosofia da UFC (2018). Atualmente é mestrando em Estudos da Tradução na UFC. Bolsista FUNCAP. E-mail: edyinaudivel@hotmail.com

Se a estrutura temporal do mundo é estática ou dinâmica é a questão mais profunda dentro da filosofia do tempo. A teoria dinâmica do tempo, também conhecida como teoria-A, diz que os momentos do tempo são ordenados em passado, presente e futuro e que esses são aspectos reais e objetivos da realidade. A teoria estática, ou teoria-B do tempo, por outro lado, diz que a diferença entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão da consciência humana. Que, na verdade, todos os momentos do tempo são igualmente reais e existentes. No cerne dessa discussão, a linguagem tem um papel de extrema importância, uma vez que o tempo desempenha um papel imprescindível na linguagem. Embora existam linguagens que não expressam os tempos verbais flexionados, não há uma linguagem atemporal no mundo. Alguns filósofos vêem um significado profundo para o tempo linguístico. Eles argumentam que o tempo linguístico é, por assim dizer, uma janela para o mundo: nossa linguagem é temporal porque a realidade é temporal. Ou seja, há realmente fatos temporais que são características objetivas do mundo. Porém, a questão a surgir é como isso pode ser mostrado? Os defensores de uma concepção dinâmica do tempo argumentam que a ineliminabilidade do tempo verbal e sua indispensabilidade para a vida humana tornam plausível que o tempo seja uma característica não apenas da linguagem, mas também do mundo. Contra esse argumento, os defensores de uma visão estática do tempo têm buscado duas estratégias: ou tentam mostrar que o tempo pode ser eliminado da linguagem sem qualquer perda de significado, ou então admitem que o tempo não pode ser eliminado da linguagem, mas negam seu significado, uma vez que tudo o que é necessário para tornar sentenças temporais verdadeiras ou falsas são fatos atemporais. Conseqüentemente, o defensor da visão dinâmica precisa frustrar essas duas estratégias para que seu argumento seja bem-sucedido.

## **1. O ARGUMENTO LINGUISTICO A FAVOR DE FATOS TEMPORAIS**

O argumento linguístico possui a seguinte estrutura:

1. Sentenças temporais aparentemente expressam fatos temporais.
2. A aparente expressão de fatos temporais por sentenças temporais deve ser aceita como correta, a menos que:
  - i. sentenças temporais são traduzidas por sentenças atemporais sem qualquer perda de significado.
  - ii. fatos temporais mostram-se desnecessários para a verdade de sentenças temporais.
3. Sentenças temporais não são traduzíveis por sentenças atemporais sem perda de significado.
4. Os fatos temporais não se mostram desnecessários para a verdade de sentenças temporais.
5. Portanto, a aparente expressão de fatos temporais por sentenças temporais deve ser aceita como correta.

O argumento acima é logicamente válido, porém, a questão que permanece é se o mesmo é correto. Caso o seja, então, mostrar-se-á, com isso, que o tempo não é apenas uma característica da linguagem ordinária, mas, igualmente, do mundo. A premissa (1) do argumento é obviamente verdadeira. Por sentenças temporais tenta-se transmitir fatos sobre o mundo. Por exemplo, quando alguém profere a seguinte sentença “Lula foi o 35º presidente do Brasil” tal pessoa pretende transmitir algum fato sobre o mundo. A premissa (2) baseia-se na convicção de que, a menos que haja uma boa razão para duvidar dessa expressão de fatos temporais, por parte de sentenças temporais, deve-se aceitá-la. Existem apenas duas maneiras conhecidas de escapar a esta conclusão, que são especificadas nas cláusulas (i) e (ii). Tal convicção parece bastante razoável. Toda a controvérsia, de fato, gira em torno das premissas (3) e (4). (3) faz menção à Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem, e (4) faz menção à Nova Teoria Aflexiva da Linguagem. Cada uma dessas teorias será devidamente examinada.

## **2. A ANTIGA TEORIA AFLEXIVA DA LINGUAGEM**

A Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem divide-se em duas vertentes – *Data* e *Token-Reflexivo* –, a versão “data” parece ter se originado com Bertrand Russell durante a primeira década do século XX (CRAIG, 2001, p. 117). Enquanto que a versão “*token-reflexivo*” originou-se com Hans Reichenbach em seu *Elements of Symbolic Logic* (SMITH, 2002, p. 67). Os proponentes da Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem, sejam eles proponentes da versão *data* ou da versão *token-reflexivo*, sustentaram que qualquer sentença temporal pode ser traduzida sem perda de significado em uma forma atemporal padrão. Isso foi feito de duas maneiras. Primeiro, no caso da versão *data*, pode-se substituir as expressões temporais por verbos atemporais e datas/horários. Por exemplo, a sentença "João não estava em casa" poderia ser traduzida na sentença "João não *está* em casa em 8 de maio de 2018" (o *está* indica que o "está" é atemporal).

Em segundo lugar, no caso da versão *token-reflexivo*, alternativamente, poder-se-ia substituir as expressões temporais por verbos atemporais e o que se chama de “sentenças *token-reflexivo*<sup>253</sup>”. Por exemplo: “João não estava em casa” poderia ser traduzida na sentença atemporal “João não *está* em casa antes deste enunciado”.

Porém, como se pode notar pela terminologia, a Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem foi rejeitada graças a avanços no campo da filosofia da linguagem, muitos teóricos – e.g. Perry, Kaplan, Lewis, Davidson, etc – deram-se conta de que o método de tradução empregado pelos teóricos da Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem era inviável. Três considerações gerais sustentam esse julgamento.

## **2.1. Sentenças temporais são informativas de uma maneira que suas supostas traduções atemporais não são.**

---

<sup>253</sup> No contexto atual, um *token* é um exemplo particular de um tipo de coisa. Uma *sentença-token* é, portanto, uma declaração ou inscrição particular de uma *sentença-type*. Por exemplo, quando duas pessoas dizem "João não está em casa" há duas *sentenças-token*. Há uma *sentença-type* e, nesse sentido, eles proferem a mesma sentença; mas há dois *tokens* dessa *sentença-type*, um falado pelo primeiro indivíduo e o outro pelo segundo. Uma sentença é *token-reflexivo* se um *token* dessa sentença se referir a si próprio, por exemplo, "Esta sentença tem cinco palavras".

John Perry, filósofo de Stanford, tem enfatizado que caso o conteúdo de nossas crenças fosse atemporal, nossas ações, e até pensamentos, estariam paralisados (PERRY, 1979, s/d). A título de exemplo: se estivéssemos preparados para ir a uma reunião que nos foi avisado que ocorreria 4:30, só poderíamos ir até à reunião se soubéssemos que 4:30 é agora. Caso contrário, não poderíamos ir até à reunião, uma vez que não saberíamos quando é 4:30. Obviamente, que dizer “4:30 é 4:30”, a suposta tradução atemporal da sentença temporal “Agora é 4:30” (SMITH, 2002, p. 40-42), não é informativo. A única explicação para a minha ação de me retirar e ir até ao local onde ocorre a reunião é por que mantenho uma crença temporal, ou seja, eu acredito que a reunião é agora. O fato de que as crenças temporais podem motivar o comportamento oportuno de uma maneira que as contrapartes atemporais dessas crenças não podem é uma demonstração convincente de que as sentenças atemporais não têm o mesmo significado que as sentenças temporais supostamente traduzidas por elas.

## **2.2. Sentenças-data atemporais são informativas de uma maneira que suas contrapartes temporais não são.**

De acordo com alguns teóricos, partidários da versão data da Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem, quando nos dizem que “João não está em casa”, sabemos a hora em que isso é dito e, portanto, sabemos o que significa. Mas, para expressar explicitamente todo significado, é necessário adicionar a data (SMITH, 2002, p. 56). Porém, isso é claramente falso. A título de exemplo, eu posso perfeitamente entender um *token* de “João não está em casa” sem saber se esse *token* ocorre às 14h55min, ou às 15h20min da tarde de 15 de junho ou de 16 de junho. Eu poderia até - em caso de amnésia - deixar de saber em que século estou e ainda entender o que quer dizer. Isso é indicado de forma comportamental pelo fato de que, se eu não pudesse responder à pergunta “Em que data ocorreu o *token*?”, eu ainda poderia responder apropriadamente, por exemplo, adiando minha viagem à casa do João e afirmando corretamente que “João não está em casa simultaneamente a essa declaração de ‘João não está em casa’.” Isso mostra que essas sentenças não podem ter o mesmo significado, como afirma a Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. Como as sentenças-data atemporais contêm

informações que suas contrapartes temporais não contêm, é evidente que elas não têm o mesmo significado.

### **2.3. Sentenças temporais não implicam a existência de sentenças-token como suas contrapartes token-reflexivos.**

Considere a sentença "Não existem sentenças-*token*". Essa sentença é falsa, mas parece possível que seja verdadeira (por exemplo, durante o período jurássico). Mas a sua tradução atemporal é "Não existem sentenças-*token* simultâneas a este enunciado", o que é uma autocontradição e, portanto, nem mesmo possivelmente verdadeira. Portanto, essas sentenças não podem ter o mesmo significado. Em geral, qualquer um com domínio do português entende que sentenças temporais não implicam a existência de *tokens* reflexivos dessas sentenças. Não faz parte do significado de uma sentença temporal se referir a si mesma.

Por todas essas razões, a Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem foi universalmente abandonada pelos defensores da visão estática do tempo. O tempo linguístico é ineliminável. A premissa (3) do argumento não é mais contestada pelos teóricos do tempo estático.

## **3. A NOVA TEORIA AFLEXIVA DA LINGUAGEM**

A Nova Teoria Aflexiva da Linguagem divide-se, igualmente, nas duas vertentes outrora mencionadas. A versão data tem como um dos seus maiores defensores J. J. C. Smart, enquanto a versão *token-reflexivo* é defendida por D.H. Mellor. Mellor e Smart são bastante insistentes no fato de que sentenças temporais não podem ser traduzidas por sentenças atemporais. Mas eles acham que sentenças temporais podem receber condições de verdade atemporais. Nas palavras do próprio Smart:

Taylor's criticism of "the attempts to expurgate becoming" seem to me to turn on the impossibility of translating expressions, such as tenses, into non-indexical ones. I agree on the impossibility, but I challenge

its metaphysical significance, since the semantics of indexical expressions can be expressed in a tenseless metalanguage. . . . [For example,] when a person P utters at a time t the sentence "Event E is present" his assertion is true if and only if E is at t (SMART, 1980, p. 11).

Smart, nessa passagem, mostra que mesmo que "E está em t" não traduz a sentença temporal "Evento E é presente" que ocorre em t, o fato de dar as condições de verdade do último mostra que as condições de verdade necessárias e suficientes para a verdade do *token* temporal são condições atemporais e, portanto, que a postulação de condições temporais, além disso, é supérflua e injustificada.

Por esse meio, a Nova Teoria Aflexiva da Linguagem pôde ser salva do criticismo que sucumbiu com a Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. Todavia, outros problemas podem ser suscitados contra a Nova Teoria Aflexiva da Linguagem.

### 3.1. A versão token-reflexivo da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem

A primeira e mais completa versão *token-reflexivo* da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem apareceu no livro de 1981 de D. H. Mellor, *Real Time* (CRAIG, 2001, p. 119). Mellor compartilha com os antigos teóricos *token-reflexivos* a idéia de que os fatos atemporais fixam os valores de verdade das sentenças-*token* temporais. Mas Mellor nega a tese da traduzibilidade. Mellor está preocupado em mostrar que as sentenças temporais e seus *tokens* são intraduzíveis por um tipo particular de sentenças e *token* atemporais, ou seja, aquelas que declaram as condições de verdade das sentenças e dos *tokens* temporais. As condições de verdade de qualquer *token* S de "Agora é 2018" são que S é verdadeiro se e somente se ocorrer em 2018. Mas a sentença que declara essa condição de verdade, a saber, a sentença "S ocorre em 2018", é tal que nem ela nem qualquer um de seus *tokens* traduzem S ou a sentença-type "Agora é 2018". A razão, Mellor argumenta, é que as sentenças e os *tokens* temporais têm condições de verdade diferentes daquelas condições de verdade possuídas por sentenças atemporais. S é verdadeiro se e somente se ocorrer em 2018 (e "Agora é 2018" é verdadeiro se e somente se for convertida/*tokead* em 2018); mas essas não são

as condições de verdade de "S ocorre em 2018" ou qualquer um de seus *tokens*. Em vez disso, a sentença atemporal ou *token* é verdadeira (o), independentemente de quando é tomada, em 2018 ou 2019, e requer apenas que S ocorra em 2018 (MELLOR, 1988, p. 74).

Os seguinte 5 pontos são sustentados por Mellor como meio de definir sua versão da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem:

- (i) Sentenças temporais têm condições de verdade diferentes de sentenças atemporais.
- (ii) Sentenças temporais têm condições de verdade atemporais - fatos atemporais.
- (iii) Esses fatos temporais são os únicos fatos necessários para fazer sentenças temporais verdadeiras.
- (iv) Sentenças temporais expressam fatos que são suas condições de verdade.
- (v) Sentenças temporais expressam os mesmos fatos expressos por sentenças atemporais os quais dão as condições de verdade das primeiras.

Pode-se argumentar que (i) é incompatível com (v). O ponto (i) expressa a convicção de Mellor de que uma sentença para traduzir outra é necessário, antes de tudo, que ambas possuam as mesmas condições de verdade - o que justifica o criticismo à Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. S e a sua tradução *token-reflexivo* – “S ocorrer em 2018”, chame-a V – possuem condições de verdade diferentes, porém, ambas expressam os mesmos fatos, a saber, fatos atemporais. Em cima dessas considerações se pode embasar o criticismo a respeito da incompatibilidade entre (i) e (v). Há o que se pode chamar de *Princípio Identitário das Condições de Verdade* (SMITH, 1987, s\d):

- PICV: Se dois *tokens* da mesma sentença ou dois *tokens* de sentenças diferentes expressam o mesmo fato, F1, eles tem as mesmas condições de verdade se e somente se F1 e todo fato implicado por F1 existir.

O ponto (i) afirma que sentenças temporais têm condições de verdade diferentes de sentenças atemporais. Todavia, o ponto (v) afirma que sentenças temporais e sentenças atemporais e seus *tokens* expressam os mesmo fatos, o que faz, segundo o

*Principio Indentitário das Condições de Verdade*, com que possuam as mesmas condições de verdade. Logo, a tese de Mellor (de que sentenças temporais não podem ser traduzidas por sentenças atemporais por haver diferença em suas condições de verdade) cai, e faz com que a sua teoria seja reduzida à Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem. Uma vez que a teoria de Mellor é reduzida, ela sucumbe às mesmas críticas que outrora foram dirigidas à Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem.

Não obstante, a teoria de Mellor enfrenta outros problemas. A teoria de Mellor contradiz as leis da lógica (CRAIG, 2001, p. 120-22). A título de exemplo imagine duas pessoas dizendo simultaneamente: "Agora é 2018". Chame um *token* dessas sentenças de R e um outro de S:

- (R) "Agora é 2018" = R ocorre em 2018
- (S) "Agora é 2018" = S ocorre em 2018

O problema com isso é que, enquanto R implica necessariamente S, "R ocorre em 2018" não implica necessariamente que "S ocorre em 2018" - e ainda assim R é logicamente equivalente a "R ocorre em 2018" e S logicamente equivalente a "S ocorre em 2018"! Pior, se R é logicamente equivalente a S e S logicamente equivalente a "S ocorre em 2018", então R deveria ser logicamente equivalente a "S ocorre em 2018", o que obviamente não é. Além disso, se os únicos fatos declarados por R e S são fatos atemporais que constituem suas respectivas condições de verdade, então, uma vez que essas condições de verdade não são o mesmo fato, R e S não declaram o mesmo fato, o que é absurdo. Assim, a explicação de Mellor das condições de verdade das sentenças temporais é logicamente incoerente. Tudo isso implica que Mellor falha em afirmar corretamente as condições de verdade das sentenças temporais.

### 3.2. A versão data da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem

J.J.C. Smart é responsável pela mais completa versão data da Nova Teoria Aflexiva da Linguagem (SMITH, 1987, s\d). Smart sustenta a seguinte assertiva: quando uma pessoa P profere a sentença “O evento E é presente”, sua afirmação é verdadeira se e somente se E está em t. Mais trivialmente, quando P diz em t “o tempo t é agora” a sua afirmação é verdadeira se e somente se t está em t, de modo que, se P diz que “t é agora” sua afirmação é, portanto, verdadeira (SMITH, 2002, p 35).

Se a expressão "t" é substituída por uma descrição-data particular e "P" pelo nome de uma pessoa, podemos obter condições de verdade de enunciados particulares de sentenças temporais. Considere a seguinte sentença “João está doente”, dadas as considerações de Smart, podemos dizer:

- "João está doente" é verdadeiro como foi falado por Henrique em 28 de julho de 2018, se e somente se João (está) doente em 28 de julho de 2018.

A cláusula de condição de verdade que segue o bicondicional é exatamente a mesma que a cláusula seguinte ao bicondicional na declaração das condições de verdade da sentença atemporal correspondente:

- " João (está) doente em 28 de julho de 2018" é verdadeiro se e somente se João (está) doente em 28 de julho de 2018.

Smart toma isso como evidência de que as sentenças atemporais são suficientes para dar as condições de verdade e, portanto, o significado das sentenças temporais.

Porém, ao contrário do que parece, sentenças temporais não envolvem essas condições de verdade envolvendo datas. Se chamarmos o primeiro enunciado de enunciado U, então podemos dizer que o primeiro enunciado afirma que uma condição necessária da verdade de U é que João esteja doente em 28 de julho de 2018. Na terminologia dos mundos possíveis, isso significa que U não é verdadeiro em nenhum mundo em que João não esteja doente em 28 de julho de 2018. Mas isso não é o caso. No mundo atual, U ocorre em uma época que possui a propriedade-data de ser 2.017 anos, 6 meses e 27 dias depois do nascimento de Cristo. Vamos supor, em primeiro

lugar, que a teoria relacional do tempo é verdadeira e que esse tempo é um conjunto de eventos simultâneos, dois dos quais são U e a doença de João. Esse conjunto de eventos não possui a propriedade-data mencionada em cada mundo possível em que ele existe. Em um desses mundos, W1, Cristo não nasceu; e em outro mundo, W2, Cristo nasceu 2.015 anos antes do conjunto de eventos que contém a doença de João. Em ambos os mundos, U é verdadeiro, já que U é simultâneo com a doença de João. Mas "João (está) doente em 28 de julho de 2018" é falso em W1 e W2, já que, nesses mundos, João não está doente em qualquer conjunto de eventos que tem a propriedade de ter 2.017 anos, 6 meses e 27 dias depois do nascimento de Cristo. O mesmo resultado se segue se assumirmos a teoria absolutista do tempo<sup>254</sup> (SMITH, 2002, p35-36). Conclui-se com isso que é falso que U seja verdadeiro se e somente se João está doente em 28 de julho de 2018.

Dadas as considerações acima, pode-se concluir que Smart, assim como Mellor, não é feliz em sua empreitada de tornar os fatos temporais supérfluos. A premissa (4), então, está assegurada, pois os fatos temporais não são desnecessários para a verdade de sentenças temporais. Portanto, é plausível considerar a conclusão verdadeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defensores da visão estática do tempo parecem ter fracassado em sua tentativa de minar a realidade dos fatos temporais. Nem a Antiga Teoria Aflexiva da Linguagem, nem a Nova Teoria Aflexiva da Linguagem, conseguem eliminar a realidade dos fatos temporais. Pelo contrário, parece plausível que um tratamento adequado das condições de verdade das sentenças temporais requeira realidade de fatos temporais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>254</sup> As duas principais teorias com respeito à natureza ontológica do tempo são a Teoria Relacional do Tempo e a Teoria Absolutista do Tempo. Um tempo como concebido na teoria relacional é um conjunto de eventos simultâneos. Um tempo como concebido na teoria absolutista é um item que pode ser ocupado por eventos simultâneos, mas que é logicamente independente dos eventos simultâneos que o ocupam.

CRAIG, W. L. **Time and Eternity: Exploring God's Relationship to Time**: 1. ed. EUA: Crossway Books, 1 de março de 2001.

MEELOR, D. H. **Real Time**: 1. ed. EUA: Routledge, 24 de junho de 1988.

PERRY, John. **The Problem of the Essencial Indexical**, *Nous* 13 (1979): 3-29.

SMART, J. J. C. **Time and Becoming** in Peter van Inwagen (ed.), *Time and Cause*. D. Reidel. pp. 3—15, 1980.

SMITH, Quentin. **Language and Time**: 1. ed. EUA: Oxford University Press, 1 de agosto de 2002.

\_\_\_\_ **Problems with the New Tenseless Theory of Time**, *Philosophical Studies: Na International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition*, Vol. 52, No. 3 (Nov., 1987), pp. 371-392.